

A OBRA AUTOBIOGRÁFICA DE GOETHE COMO RELATO HISTORIOGRÁFICO

Luiz Barros MONTEZ¹

- RESUMO: Os escritos autobiográficos de Goethe compõem um amplo painel que possui uma grande importância historiográfica. Embora os textos que o integrem estejam normalmente distribuídos nas edições das obras de Goethe de forma não-contínua ou por vezes aleatória, eles fazem parte de um projeto sistemático do poeta, ao qual se somam as correspondências, os diários, conversas e depoimentos de Goethe. Investigar as motivações deste projeto, de seus procedimentos intrínsecos, enfatizando os seus resultados práticos, é o que propõe o presente artigo.
- PALAVRAS-CHAVE: Wolfgang Goethe; autobiografia; *Poesia e verdade*; literatura e história.

Em um ensaio intitulado “Goethe e o mundo histórico” (1932, p. 1-26) Ernst Cassirer nos mostra o profundo contraste existente entre a atitude otimista de Goethe com relação ao conhecimento da natureza e sua investigação, do ponto de vista das possibilidades do conhecimento humano, e o total ceticismo do poeta com relação à historiografia. Cassirer reafirma a crença, a confiança, o otimismo, a solidez de atitude de Goethe quando se trata do saber nas ciências naturais. Em seus trabalhos preparatórios sobre a fisiologia das plantas, por exemplo, o grande escritor (que em vida expressava o desejo de ser lembrado entre os pósteros antes como cientista que como poeta) chega a afirmar que, para qualquer pergunta que façamos à natureza, no fundo já possuímos a sensação de que a resposta encontra-se já em algum ponto possível de ser pensado, ou seja, a garantia de resposta já se encerraria na própria pergunta. Para Goethe, o que nós chamamos de invenção ou descoberta é já o instante em que exercemos ou colocamos em ação uma sensação originária de verdade que, após permanecer adormecida durante longo tempo desde a sua concepção, irrompe súbita e rapidamente como um conhecimento produtivo.

Mas, continua Cassirer, esta sensação de confiança tranqüila e de devoção cheia de fé desaparece sob os seus pés tão logo o escritor se adentra pelo terreno da história. Aqui, Goethe se sente inseguro, sente-se ameaçado de perder o equilíbrio. No domínio das ciências da história, o poeta muda rapidamente de humor, irrompe irresistivelmente numa atitude defensiva, de crítica e de suspeita, não raramente chegando a expressões cáusticas.

¹ Departamento de Letras Anglo-Germânicas – UFRJ – 21941-590 – Rio de Janeiro – RJ – lmontez@letras.ufrj.br

Numa conversa de 19 de agosto de 1806 com Heinrich Luden, recém-chegado para lecionar História na Universidade de Jena, Goethe, após discorrer longamente sobre *Fausto*, e já enveredando pelo assunto que o pusera em contato com o jovem docente, expressa opiniões que embaraçam o seu interlocutor. Ante a dúvida expressa por Luden, sobre ser capaz de ser um verdadeiro historiador, Goethe pergunta-lhe o que o impediria de tanto. Pois, para lecionar história, bastar-lhe-iam boas maneiras, boa voz, e saber contar uma boa estória.

Como Luden insistisse sobre as dificuldades oferecidas pela pesquisa histórica, Goethe expressa uma clara crítica aos que pretendem que os seus achados históricos sejam mais relevantes que os dos outros, e mostra-se bastante cético quanto à possibilidade de se relatar algo historiograficamente novo. As fontes, já descobertas e exploradas, não teriam mais nada de novo a revelar, e seriam como águas que, ao serem revolvidas por outros, mostram-se além de tudo turvas. Em seu entender, já seria trabalho suficiente ter acesso a estas fontes, e tal configurar-se-ia já num grande mérito do historiador. Pois, afinal, mesmo que se sondassem fontes inéditas, todos chegariam às mesmas conclusões históricas de fundo, quais sejam, à infelicidade que os homens infligem uns aos outros ao longo do tempo, o medo da morte, etc.

Questionado sobre o “destino da humanidade”, Goethe propõe ser esta uma abstração. “Desde sempre somente existiram seres humanos, e somente existirão seres humanos” (GOETHE, 1998, p. 73). Sobre a objeção de que o espírito humano desenvolve-se e revela-se da totalidade da vida dos seres humanos, de que este não se mostra na vida singular de um indivíduo, mas na vida dos povos, nos comportamentos sociais das pessoas, e de que o espírito reunido de todos os povos é a humanidade, e que esta lega às gerações vindouras alguma coisa, Goethe responde, utilizando as palavras de seu próprio Mefistófeles, que este legado é apenas o de uma sombra esmaecida, e que quem persegue sombras apreende apenas o ar, e condena-se, por fim, a viver cercado de uma noite sombria (1998, p. 75). À réplica insistente de Luden de que caberia às novas gerações aproveitarem dignamente a herança deixada pelas gerações anteriores, e estudá-la, já que a História de um povo seria a vida de um povo, Goethe replica:

A história de um povo, a vida do povo? Que ousado! Quão pouco possui a história, mesmo a mais detalhada, comparada com a vida de um povo? E deste pouco, quão pouco é verdadeiro? E do verdadeiro, alguma coisa fica além de toda dúvida? Não fica antes algo incerto, o maior como o menor? Assim, não parecem firmes como antes as palavras de Fausto: ‘As épocas do passado / Nos são um livro com sete lacres’? (GOETHE, 1998, p. 75-6)

Em suma, Goethe opõe-se a qualquer reivindicação de cientificidade à historiografia. Esta é sumariamente rejeitada como uma imagem enganadora. Como

poderia ser diferente, diria Goethe, quando se pensa que a mesma história se apóia no testemunho humano?

Goethe põe em dúvida a essência do relato historiográfico, chegando mesmo a achar cômico o desejo de deixar-se convencer por fatos acontecidos num passado longínquo, pelo simples fato de que mesmo o narrador mais idôneo não poderia prestar testemunho sobre tal tempo. Até porque as pessoas projetariam os seus conceitos e opiniões prévias ao objeto ou à época observada. Daí que, para Goethe, cada partido, cada religião, cada povo tem a sua própria idéia de história.

Tal é, em poucas palavras, a atitude do Goethe da maturidade com relação ao discurso historiográfico, o que nos sugere à primeira vista uma reduzida crença do autor no potencial de realismo de sua própria obra, como de resto da literatura como um todo.

No entanto, investigando um pouco mais a fundo o problema, percebemos que a questão é mais complexa. Como em diversos outros momentos na vida e no pensamento de Goethe, em que alguns de seus elementos conformam à primeira vista uma contradição insolúvel, também aqui esta acaba por descortinar-se e por se explicar numa camada mais profunda de investigação.

Retomando as investigações sobre o juízo de Goethe acerca do passado histórico naquele ponto em que nos deixou Cassirer, podemos constatar na visão do poeta uma certa hierarquia gnosiológica já, talvez, de alguma maneira contaminada pelo cientificismo que norteou o século XIX. Em que pese precisamente o pioneirismo de Goethe quanto à sua conhecida crítica aos iluministas de sua época, que separavam de modo estanque o **sujeito do objeto** no ato do conhecimento (e que reduzia toda gnosiologia a esta última instância, adjudicando ao sujeito atributos orgânicos indiscutíveis que desproblematizavam *a priori* suas qualidades cognitivas – o que, com Kant e sua *Crítica da razão pura* de 1781, foi, para dizer o mínimo, posto em suspeição), e da visão goetheana, já na época do *Sturm und Drang* infinitamente mais sofisticada e dialética que a daqueles iluministas, percebe-se na gnosiologia goetheana uma certa hierarquia que estatui uma verdade mais sólida no campo das ciências naturais do que nos domínios da história da vida social.

Se esta espécie de contaminação pelo cientificismo efetivamente deriva da atmosfera existente nos primórdios da revolução industrial nascente no alvorecer do século XIX, e claramente percebida por Goethe (cf. *Os Anos de Peregrinação de Wilhelm Meister* e a segunda parte de *Fausto*); em outras palavras, se esta fé historiográfica representa algo a ser expurgado como elemento “nocivo” no pensamento de Goethe, ou se, ao contrário, ela provém de um saudável (e em Goethe inato) senso materialista, que não poderia jamais negar a existência de uma organicidade no processo de desenvolvimento das idéias no campo das ciências naturais, perceptível tanto em sua evolução interna, como em seus aspectos exteriores, e resultante de uma luta

coletiva e tenaz transmitida de geração a geração, tal como de certa forma propôs Luden e à qual se opunha Goethe com veemência, tal polêmica não é o que se propõe a enfrentar neste artigo. Trata-se aqui antes de reconhecer que a tensão entre o reconhecimento de uma verdade historiográfica razoavelmente sólida, quando se trata de descrever a ciência e sua evolução, e o ceticismo quanto à veracidade de uma história social qualquer resultou em Goethe numa concepção singular da história que gerou excelentes resultados literários.

No âmago desta concepção encontra-se a proposição goetheana do **sujeito** como centro articulador do discurso historiográfico. Na história das ciências, o que importa mais são as personalidades particulares dos cientistas, e menos os fatos científicos tomados em si. Esta concepção, apoiada num enfático subjetivismo, revela-se como a chave para a compreensão do monumental projeto autobiográfico de Goethe, e com ele de seu forte teor historiográfico.

Uma análise que faça justiça à atitude fundamental de Goethe com relação à historiografia deveria, inicialmente, reconhecer o fato de que o poeta assimilou à sua obra muito do pensamento lingüístico de sua época, o que, nas condições historicamente limitadas em que se encontrava (cf. a segunda parte de BAKHTIN, 1999), aproximou-o do pensamento historiográfico mais avançado de então. Por outro lado, não se deveria limitar a anuir à desconfiança de Goethe com relação à historiografia, mas, em sentido inverso, deveria-se tentar investigar em que medida Goethe, não obstante o seu ceticismo, soube transmitir em sua obra elementos historiográficos extremamente úteis para a remontagem documental de seu tempo.

Se lançarmos uma breve mirada na obra de Goethe, percebemos claramente o paradoxo entre o ceticismo do autor e o grau de realismo de sua *práxis* literária. Sua obra é, quase sem exceção, atravessada por um espírito, um conteúdo não raras vezes autenticamente historiográfico. Para ser breve, tomemos apenas o momento biográfico de seu *début* literário, com a qual o poeta alcançou ampla popularidade em todo o território culto alemão.

Sabemos como o pensamento do poeta foi estimulado desde os tempos do *Sturm und Drang* pela concepção inteiramente nova de Herder de “Humanidade”. Já em Straßburg, nos idos de 1771, as idéias de Herder inspiravam no jovem Goethe uma compreensão orgânica completamente original de “povo” e de “nação”. O desenvolvimento dos povos, segundo esta compreensão, não é mais apenas reduzido aos atos de grandes homens ou personalidades, ou a eventos estatais isolados, mas passa a ser concebido como fruto de uma vasta ação coletiva. Muito entusiasmado por estas idéias, o jovem Goethe, contando apenas 22 anos e cinco anos mais novo que Herder, decide-se por procurar no passado nacional do Sagrado Império Romano-Germânico Alemão os seus pontos mais críticos, os pontos de inflexão social mais decisivos.

Tal como Herder, seu inspirador, procede a uma reavaliação histórica do passado medieval alemão. Esta inflexão inspirou-lhe, como sabemos, o drama *Götz von Berlichingen*, de 1773 (GOETHE, 1988, v. 4, p. 73-175). À primeira vista, percebe-se no tom da obra um certo saudosismo do passado medieval, certamente instilado por Herder, mas cuja verdadeira motivação torna-se logo clara. Sem ilusões quanto ao fato definitivo de uma clara mudança na estrutura de poder e de classes no império germânico na virada entre os séculos XV e XVI, Goethe propõe-se no seu *Götz* a interpretar o passado nacional alemão com o objetivo precípua de apontar as causas históricas que, a seu ver, determinaram a opressão política e cultural, a burocracia e a marginalização de vastas camadas populares de seu tempo (cf. BORCHMEYER, 1999, p. 21-39).

Fundamental aqui é destacar que, para o jovem Goethe, a história não podia ser retratada como uma repetição do passado, ou como salvação, como o fizera o drama barroco. O poeta nos mostra o momento histórico em que o reino alemão começara a assumir uma fisionomia inteiramente nova, a partir da iniciativa dos nobres e príncipes de introduzir o sistema jurídico romano em todo o reino. Após um período de caos e de dualidade, a disputa decidiu-se a favor dos príncipes. A nostalgia cavalheiresca passou a não ter mais vez, e Goethe sabia que todo saudosismo neste sentido doravante somente poderia ser retratado literariamente por meio da sátira, como Cervantes o fizera em seu *Don Quijote*.

O drama *Götz von Berlichingen* é apenas uma entre outras tentativas histórico-literárias do mesmo período, que ilustram o profundo senso histórico encerrado na obra de Goethe ao longo de toda a sua vida. Falo em tentativas, pois diversos projetos literários do período do *Sturm und Drang* permaneceram como fragmentos inacabados (como *Egmont*, *Maomé*, etc.).

Conhecemos os caminhos e os descaminhos da complexa trajetória de Goethe, de sua ida a Weimar em 1775 e do abandono paulatino dos postulados da geração do *Sturm und Drang*, de sua viagem à Itália entre 1786 e 1788, da amizade com Schiller e do estabelecimento do chamado “Classicismo de Weimar”, do período posterior à morte de Schiller em 1805, e, a partir de então, do seu crescente isolamento (cf. BOERNER, 1964). Pois é exatamente aí o ponto que mais nos interessa neste artigo.

Erich Trunz observa no posfácio a *Poesia e verdade* como o velho Goethe sentia-se ao final de sua vida um ser cada vez mais “histórico”, sentimento que iria se aprofundar até a sua morte (TRUNZ, 1988, p. 632). A Zelter, numa carta de 06 de junho de 1825, Goethe escreveu lapidarmente: “Nós talvez sejamos, juntos com poucos, os últimos de uma época, que em breve não retornará” (GOETHE, 1998, p. 236). Em uma carta poucos meses antes de sua morte, em 01 de dezembro de 1831, escreve a Wilhelm von Humboldt:

Admito com prazer que, em minha alta idade, tudo se me torna mais e mais histórico; se algo acontece no passado, em reinos distantes, ou neste momento

bem perto de mim, dá no mesmo, eu pareço a mim mesmo cada vez mais histórico. (GOETHE, 1998, p. 534)

Esta é uma maneira historicista de se ver o mundo e a si mesmo, e nos remete a uma época imediatamente anterior a 1809, quando Goethe tomou a decisão de levar adiante o seu “projeto autobiográfico”. Este projeto partiu evidentemente de várias determinações sociais, psicológicas, históricas, literárias, etc. que, ainda que quiséssemos, não seríamos capazes de entender em sua inteireza e complexidade. Eu gostaria apenas de destacar alguns elementos e motivações básicas a partir dos quais pode-se considerar o conjunto destes escritos autobiográficos uma extraordinária história cultural de sua época.

Uma das motivações elementares de Goethe foi a preocupação em não confiar aos editores de então uma tarefa tão relevante. Pois, para o poeta, uma verdadeira biografia era algo muito mais que o simples alinhamento de informações biográficas mais ou menos relevantes. Goethe, em conversa com Eckermann de 21 de dezembro de 1831, perguntava-se sobre a utilidade dos fatos biográficos: “Se não se tivesse nada da vida além do que nossos biógrafos e redatores de enciclopédia dizem de nós, então isso seria um mau *métier* e em toda a parte não valeria o esforço” (1998, p. 171).

O que seria isso que vai além dos fatos, que os redatores poderiam perfeitamente relacionar como tantas vezes o fizeram no período?

Para além do fato existencial fundamental da perda de amigos e colaboradores essenciais para Goethe, como Herder (1803) e Schiller (1805), e de uma grave doença que o acometera em 1801 (meningite?), quase o levando ao óbito, o motivo principal de sua iniciativa foi, sem dúvida, determinado pelas rápidas e intensas transformações sociais e literárias de seu tempo. Em uma recensão de 1805, Goethe escreve a propósito de uma coletânea de autobiografias surgida em Jena naquele ano:

[...] o nosso tempo é tão rico em fatos, tão decidido em aspirações particulares que a juventude e a idade intermediária, para os quais se escreve, quase não tem idéia do que propriamente aconteceu há trinta ou quarenta anos. Tudo o que numa vida humana se escreve de lá pra cá ou se evoca tem que ser feito de novo. (apud TRUNZ, 9, p. 605)

Isto foi escrito antes da invasão napoleônica em Jena em 1806, mas já em pleno andamento da revolução industrial inglesa, das revoluções americana e francesa, depois da *Crítica da razão pura* de Kant (1781), da *Doutrina das ciências* de Fichte (1794) do romantismo.

A autobiografia de Goethe distribui-se por diversos livros e diários, se nela não incluirmos a vasta correspondência e as conversas, das quais a mais famosa foi redigida por Eckermann. Assim, temos: *Poesia e verdade*, cobrindo o tempo entre 1749-

1775; *Viagem à Itália*, entre 1786 e 1788; *Campanha na França e Ocupação de Mainz*, entre 1775-1793; e os *Anais*, cobrindo o tempo entre 1794 e 1822.

O texto que nos serve aqui de referência principal é a obra *Poesia e verdade* (GOETHE, 1988, v. 9, v. 10) Ela é composta por quatro partes, cada uma das quais contendo 5 volumes ou livros. A primeira parte foi concluída em 1811; a segunda em 1812; a terceira foi terminada no calor da batalha de Leipzig, logo após a derrota de Napoleão pelas forças aliadas em Leipzig, no bojo do contraditório processo de guerras de libertação nacional (em relação às quais Goethe tinha sérias reservas). A quarta e última parte permaneceram adormecidas desde então, sendo retomadas parcialmente em 1824, e finalmente concluídas em 1831, um ano antes da morte do autor.

Diferentemente da *Viagem à Itália* e da *Campanha na França* (cuja seqüência é *Ocupação de Mainz*), que representam a elaboração literária de anotações de juventude, *Poesia e verdade* é um texto da velhice, com olhar retrospectivo. Como já dissemos, não se trata de uma literatura de memória, horizontalizada, característica do século 18, mas uma obra onde os fatos biográficos se concatenam de maneira extremamente sólida com o todo.

Não me parece satisfatória a visão dos críticos que reconhecem, em *Poesia e verdade*, os dados biográficos como “verdade”, enquanto concebem a sua concatenação no todo como um encargo da “poesia”, tal como encontramos expressa, por exemplo, na bem-cuidada edição hamburguesa de Erich Trunz (citada na presente bibliografia). Creio que estaríamos de certa maneira reduzindo o poético à forma, seccionando-o da matéria, o que a meu ver contraria frontalmente a concepção do autor, várias vezes exposta na obra, para quem o signo destituído de sua referência é nada.

As autobiografias, tais como as conhecemos hoje, são um produto de uma época pós-goetheana. Goethe foi um pioneiro, ao qual se seguiram diversas outras com características mais ou menos parecidas, mas sem o alcance conseguido pelo nosso autor. O que a distinguia fundamentalmente de todas as autobiografias de seu tempo?

Herder havia desenvolvido uma doutrina lingüística profundamente marcada pelo diacronismo, segundo a qual toda obra somente poderia surgir no seu lugar e no seu tempo, e somente poderia ser entendida neste contexto (cf. HERDER, 1987). Isto era inteiramente novo em sua época, se levarmos em conta que a crítica julgava os escritores e as obras literárias perfilando-as pura e simplesmente, sem que se levassem em consideração as diferenças de lugar e de tempo em que estas personalidades surgiram e em que estas obras foram escritas. Homero, Virgílio, Ariosto ou Klopstock eram considerados nesta perspectiva apenas como poetas épicos, sem consideração pelas suas culturas historicamente específicas.

Seguindo esta concepção básica de Herder, Goethe discorre sobre inúmeras personalidades tanto do mundo da história quando da cultura de seu tempo, a partir de seus *topoi* específicos na sociedade, mas unindo-os todos numa unidade viva e

orgânica. Para o autor, o fluxo histórico reúne e atualiza permanentemente elementos do passado e do presente. Como uma questão existencial, Goethe não compreende a si próprio senão como alguém formado pelo passado que desfila ao longo da narrativa, que por seu turno só pode compor a narrativa precisamente porque é reconhecidamente atualizado como parte integrante indispensável desta formação individual. Em sua velhice, Goethe sente como tudo aquilo que lhe foi propiciado em juventude faz parte de seu presente histórico.

Assim, Goethe procede a uma espécie de perenização do passado. Mais do que isso, propõe uma reflexão distanciada de si mesmo, de seus erros e acertos, para os quais concorrem circunstâncias necessárias e contingentes, estabelecendo uma dialética pessoal do sujeito permanentemente confrontado com a liberdade e a necessidade, que eleva a si próprio com uma espécie de arquétipo humano, uma individualidade supra-individual, genericamente humana. O esforço para tal é permanente. O jovem enfrenta um mundo eternamente bem-disposto, e mesmo em circunstâncias extremamente dolorosas extrai daí um ensinamento, que irá compor a sua formação futura.

Esta atitude evidencia-se quando lemos uma carta de Goethe a Zelter de 05 de outubro de 1830, quando se define a si mesmo naquela época como “um estudantinho infeliz” (GOETHE, 1998, p. 558), coisa que jamais faria na autobiografia.

Dizíamos que *Poesia e verdade* – como de resto todo os seus relatos autobiográficos – representa uma extraordinária história cultural de seu tempo. É verdade. Nesta obra são evocadas circunstâncias históricas absolutamente fundamentais em seu tempo: a Guerra dos Sete Anos, a coroação de José II, a situação do Poder Judiciário alemão descrito pormenorizadamente (e claramente acoplado à problemática da época do cavaleiro Götz von Berlichingen, decisiva para o destino político do Sagrado Império Romano-Germânico). Na obra desfilam personagens históricos não apenas como pano de fundo, mas determinantes à biografia do jovem, como Frederico II, Voltaire, José II, Hamann; uma constelação de astros de primeira grandeza no mundo cultural alemão, com a qual o autor teve contato direto, e emite no livro opiniões as mais objetivas possíveis, freqüentemente cedendo a fala a estas pessoas, deixando-as “manifestarem-se livremente”: Gottsched, Gellert, Klopstock, Herder, Lenz, Klinger, Stolberg, Lavater, Merck, Schlosser e outros. O protagonista, se é que há um, passeia por distintas confissões religiosas; ele próprio vê-se ora atraído, ora enfeitado pelo cristianismo, promove reflexões filosóficas permanentes, confrontando-as com os ditames das religiões positivas e com os seus ministros. Por outro lado, transita por variados cenários artísticos e científicos na Alemanha, compondo um painel absolutamente representativo da vida alemã nestas duas esferas.

Goethe retrata o seu vasto painel humano através de pinturas essencialmente humanas. Para ele, o centro não está no fato histórico, mas no indivíduo histórico. A

chave para a compreensão de tal procedimento encontra-se nos seus ensaios sobre a história das ciências, onde Goethe parece esquecer-se completamente de seu ceticismo historiográfico, fato a que fizemos alusão mais atrás.

Em seus “Materiais para a história da doutrina das cores” (GOETHE, 1988, v. 14, p. 7-272) Goethe torna a pisar terra firme. Aqui não se trata mais de lidar com testemunhos inseguros, mas com as formas do mundo aparente que se apresentam em sua plenitude. Aqui, inspirada pela história da arte, a parte histórica de seu tratado preocupa-se também com problemas de ordem genérica, com conexões de ordem puramente ideal. Mas, ao abordar estas questões, Goethe vê-se impelido a colocar o homem da ciência no ponto central da questão. Assim como o artista representa o núcleo das questões estéticas, também o cientista coloca-se ali como o ponto em torno do qual se dão os embates e os desenvolvimentos científicos.

Tal é a metodologia peculiar de Goethe, a chave para a compreensão de seu projeto autobiográfico, particularmente de *Poesia e verdade*. O fio condutor é o jovem, que encontra pessoas, que vai tecendo paulatinamente uma ampla rede de aprendizados e de transformações recíprocas.

Ao transitar por esferas tão representativas do mundo social, religioso, cultural, científico e político em diversas cidades do Império, Goethe compõe um tecido complexo em que configura a vida social alemã em sua totalidade simbólica. Desde o princípio é exatamente esta a sua intenção: compor um painel de ampla envergadura, dotado de uma unidade orgânica e dinâmica. Neste painel, o jovem quase que somente recebe as influências, os ensinamentos, as lições aprendidas, apresentando-se como um ativo espectador que, por meio de sua energia vital e seu esforço por aprender, põe-se em condições extremamente favoráveis a tal percepção do mundo.

O que importa aqui é menos o grau de artificialidade, ou de improbabilidade de tal vivência, mas a atitude dialógica a que se propõe o jovem, expressa cuidadosamente na polifonia em que consiste a autobiografia. Nela, a voz do sujeito não se impõe ao mundo, mas, ao contrário, coloca-se física e ideologicamente, ou como diria o próprio Goethe, abre um órgão interior para cada novidade, para cada fenômeno.

Tal como Herder, que olhava menos para os estados, as guerras e dominadores do que para esta humanidade como um todo, também Goethe não se sentia atraído pelos elementos singulares da história política e das injunções da luta pelo poder, tomados como um fim em si mesmos. Goethe propunha-se, em termos narrativos, não somente a conservar esta polifonia, observada em suas infinitas determinações históricas concretas, descrevendo tanto quanto possível esta multiplicidade empírica da história, mas tinha como objetivo fundamental elevá-la a um patamar superior. Era necessário imprimir nessa empiria uma “vida superior”. Para tanto, não poderia ater-se somente à afirmação deste mundo, ao seu enunciado, mas elevá-lo simbolicamente como forma. Tal só poderia ser missão da arte, da poesia.

Assim, o título de sua incomparável biografia explica-se em sua inteireza. Não há poesia sem verdade, não há verdade sem poesia. Graças a este método, Goethe atinge – em um grau talvez mais profundo do que o faria um historiador – regiões morais ou psicológicas inacessíveis ao relato que não conhece os expedientes estéticos de que Goethe lança mão. Com base nesta constatação, pode-se entender a obra autobiográfica de Goethe como uma rica fonte historiográfica de seu tempo, para já não somente falarmos de sua deslumbrante beleza formal e de sua inigualável posição entre as melhores narrativas do gênero.

MONTEZ, Luiz Barros. Goethe's autobiographic work as a historiographic report. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 39-48, 2005.

- *ABSTRACT: Goethe's autobiographic writings create a panel of great relevance to the historiography. Although its integrating texts frequently appear distributed in Goethe's editions in a non-continuous or sometimes at random manner, they take part in a systematic project of the poet, to which we can embody his correspondences, diaries, conversations and testimonies. This article investigates the motivations of this project and its inherent processes, emphasizing its practical outcomes.*
- *KEYWORDS: Wolfgang Goethe; autobiography; "Poetry and Truth"; literature and history.*

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOERNER, P. Goethe. In: _____. **Selbstzeugnissen und Bilddokumenten**. Hamburg: Rowohlt, 1964.
- BORCHMEYER, D. **Goethe**: Der Zeitbürger. München: Carl Hanser Verlag, 1999.
- CASSIRER, E. **Goethe und die geschichtliche Welt**. Leipzig: Reclam, 1932.
- GOETHE, J. W. **Werke**: Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988.14v.
- GOETHE, J. W. **Brief, Tagebücher, Gespräche**. Berlin: Directmedia Publishing GmbH, 1998. 1 CD-ROM.
- HERDER, J. G. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Lisboa: Antígona, 1987.
- TRUNZ, E. Nachwort. In: _____. **Werke**: Hamburger Ausgabe. München: DTV, 1988. v.9, p.631-9.

■ ■ ■